



A Cáritas Diocesana na Feira da Solidariedade



A Cáritas de Coimbra, através de alguns dos seus serviços, esteve presente na II Feira da Solidariedade, na Praça da República, promovida pela Associação Académica de Coimbra, de 2 a 5 de Junho. Estiveram representados os seguintes equipamentos, equipas ou projectos:

Na área da toxicod dependência: Centro de Dia Sol Nascente, Equipa de Intervenção Directa (Bairro da Rosa), Equipa de Rua/Reduz, sediada no Terreiro da Erva;

Na área dos sem-abrigo: Centro de Acolhimento "O Farol";

Na área dos Centros Comunitários: Carnache (Centro de Acolhimento Temporário, Creche, Pré-escolar, ATL, Idosos);

Na área da saúde, idosos e dependentes: Centro Rainha Santa Isabel;

Na área do trabalho com mulheres em risco agravado: Centro Comunitário de Inserção e Empresa de Inserção (Rua Direita);

Na área dos bairros sociais de realojamento: Centro Comunitário do Bairro da Rosa.

Na área do trabalho com pessoas infectadas pelo HIV: Projecto "viHda+".

Os utentes de alguns destes equipamentos promoveram intervenções de rua, com a encenação de pequenas peças teatrais.

Houve ainda oportunidade de apresentar aos visitantes uma visão global da acção da Cáritas através de meios informáticos.

Encontro com Párocos

A finalizar um ano pastoral em que a Diocese de Coimbra esteve tão envolvida no estudo e reflexão sobre a acção sociocaritativa, nomeadamente a partir da encíclica *Deus caritas est*, a Cáritas julgou por bem que o seu encontro tradicional de reflexão pastoral com os párocos (normalmente em Maio) pudesse este ano ser mais dirigido para um tempo de convívio e confraternização, na Praia de Quaiões, o que veio a acontecer no dia 14 de Junho.

Foi ainda um momento oportuno de visita às instalações que têm vindo a ser melhoradas nos últimos anos.



Pausa

Actividade e progresso

Diz-se que certo investigador colocou um conjunto de lagartas processionárias (as lagartas dos pinheiros, por exemplo) a andar à volta de um vaso, todas enfileiradinhas umas às outras. As lagartas desfilarão incessantemente umas atrás das outras, sempre em círculo, até caírem de fome e exaustão, embora no interior do vaso houvesse comida. A conclusão, tirada já por outros que não por mim, é que actividade não significa progresso; pode até significar morte. Por isso, de tempos a tempos importa parar, ver o caminho que se está a fazer, como se está a fazer e que alternativas podem existir para o melhorar. A avaliação é importante se for isto. Ao contrário, se for apenas mais uma actividade enfileiradinha nas outras, pode correr inclusive o risco de ser apenas mais um contributo para o erro e para a morte. A avaliação é sempre uma condição da progressão.

Estamos a viver um tempo de avaliação pastoral. É, por isso, oportuno lembrar que a acção a favor dos que mais sofrem foi assumida como a primeira (não a única) das prioridades pastorais da Diocese de Coimbra nos últimos três anos. Basta esta informação para percebermos duas coisas:

- 1) a Diocese assumiu que isto era um desafio muito sério;
- 2) e, por isso, muita da credibilidade do que foi feito globalmente jogase pelo que foi feito particularmente nesta área.

Intui-se, aliás, que a inclusão da acção sociocaritativa nas prioridades do Plano Pastoral resultou mais das bases, dos leigos, do que de cima, das estruturas e da hierarquia, o que revela um laicado já sensibilizado para a importância desta acção pastoral (isso será uma das maiores riquezas da Diocese de Coimbra...).

Acresce que essa prioridade contou com um fortíssimo incentivo complementar, de algum modo inesperado mas extraordinariamente oportuno: a encíclica papal *Deus é amor*.

Resumindo, a conjugação destes factores leva-nos a concluir que estes três últimos anos se apresentaram como o tempo oportuno para a reflexão, estruturação e acção no âmbito da pastoral social. Exigem, por isso mesmo, uma avaliação extremamente rigorosa: o que conseguimos na nossa acção social, e como o conseguimos?; O que não conseguimos melhorar e porque não o conseguimos?; Que objectivos devem ser agora assumidos e que estratégias implicam?

Esta avaliação pública e clara é condição incontornável de progressão.

Tipos de saber e papéis grupais

Diz-se que há três tipos de saber: o saber próprio da mente, das ideias, teórico, que será um *saber-saber*; um saber próprio da acção, do fazer as coisas bem feitas, eficazmente, um *saber-fazer*; o terceiro tipo de saber, ligado às relações sociais e humanas, à gestão dos afectos, etc., é considerado como um *saber-estar*. Estes tipos de saber parecem confirmados por outras trilogias. Por exemplo, o primeiro estaria ligado ao domínio cognitivo, o segundo ao domínio volitivo ou da vontade e o terceiro ao domínio afectivo.

Conta-se até aquela história do Conclave que para eleger um Papa tinha chegado a um beco sem saída, pois havia três candidatos, cada um com uma qualidade que o tornava inquestionável: um pela sua santidade irrepreensível (*saber-estar*), outro pela sua sabedoria inultrapassável (*saber-saber*) e outro pela sua capacidade organizativa comprovada (*saber-fazer*). Alguém, então, terá dito: "se esse é santo, que reze por nós; se aquele é sábio, que nos ensine; mas se só este sabe organizar bem as coisas, que seja ele o Papa".

Cada um de nós, ao que parece, situa-se mais num destes saberes. (Eu, por exemplo, sou um desastre ao nível do *saber-estar*, mas movo-me com mais facilidade no domínio do *saber-saber*). Esta diferença que existe entre as pessoas ao nível do tipo de saber que melhor dominam tem basicamente três implicações:

1. Antes de mais, é preciso dizer que é possível melhorarmos os tipos de saber em que se não é tão "natural", através da aprendizagem;

2. Apesar disso, uma pessoa será tanto mais realizada para si mesma e útil aos outros quanto mais estiver num trabalho adequado ao seu tipo de saber;

3. As equipas precisam de integrar pessoas com estes diversos tipos de saberes, e papéis correspondentes. Por exemplo, a liderança, como diz a história do Papa, deve ser ao nível do *saber-fazer*; a clarificação da missão, ao nível do *saber-saber*; a alimentação de sinergias, num trabalho quase sempre longo, custoso, tantas vezes frustrante, ao nível do *saber-estar*.

Fica aqui um desafio para os nossos Grupos sociocaritativos: avaliarem como estão presentes e que papéis assumem estes diferentes tipos de saber dentro da estrutura do próprio grupo.

Encontros-convívio dos Grupos Comunitários

*Encontro de Arciprestados
Em Figueira de Lorvão
Fomos todos convidados
A viver em união.*

*Nosso lema é Servir
Assim o Mestre ensinou
dar sempre a mão a sorrir
Amar como Jesus amou!*



No passado dia 6 de Maio, numa tarde banhada de sol, aconteceu um agradável convívio de grupos paroquiais de acção sociocaritativa.

A paróquia acolhedora foi Figueira de Lorvão, do arciprestado de Penacova, e até ela vieram Luso, Moinhos, Penacova, Sazes, Roxo e Casal Comba.

Conforme estava programado, houve um tempo de oração presidida pelo nosso pároco, Sr. Padre Cândido Plácido, que nos introduziu num ambiente de interiorização, capaz de nos levar ao encontro com Deus. E foi nesse ambiente que acolhemos, de seguida, o tema "Eucaristia e Caridade", apresentado com muita clareza e com apoio visual pelo Neves, que de todos é conhecido com um bom comunicador. Clarificou e acentuou o que verdadeiramente é a Eucaristia (sacrifício-oferta de vida

de Jesus Cristo) e a consequência que dela advém: "arrasta-nos" para pôr na vida a acção "cáritas": "a restauração da justiça, a reconciliação, o perdão, condições para a paz e para o restabelecimento do respeito e dignidade do homem". "O sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente". "Não podemos ficar inactivos perante estes processos de globalização que não raro fazem crescer desmesuradamente a distância entre ricos e pobres a nível mundial. Devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra provocando desigualdades que bradam ao céu". Não pedimos nós, em cada comunidade, o "pão nosso de cada dia?!". Foi rica a reflexão em torno do tema "Eucaristia e caridade", baseada na Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis, de Bento XVI.



Os grupos da Região Pastoral Nordeste juntaram-se num passeio de convívio até ao Porto, tendo feito uma viagem no rio Douro.

Após este momento de enriquecimento espiritual, o Encontro continuou na sala de actividades do grupo de Jovens da paróquia - os "Mensageiros da Alegria" - onde decorreu um tempo de animação com canções de mensagem, coros falados e cenas típicas, tradicionais, locais, como o "fazer dos palitos em Figueira de Lorvão". Houve depois distribuição de ofertas-mensagens a cada participante e a cada paróquia presente.

Terminou a nossa tarde com uma "merenda-convívio" partilhada e que

nos reuniu em fraternidade e alegria à volta da mesa.

Partimos, ou ficámos, com a sensação de ter vivido uma tarde bem

positiva. Agora é preciso que traça consequências. Depende de cada um.

*Maria Helena
(GASC de Figueira de Lorvão)*

Para além dos Encontros-Convívio de Figueira de Lorvão e do Encontro da Região Nordeste, houve também um Encontro no Pombalinho (Grupos de Ansião, Penela e Alvaizere), outro no Seixo de Mira (Grupos de Cantanhede e Mira), outro em Souselas (Grupos de Coimbra Norte). Em todos estes Encontros o tema de reflexão foi a 1ª parte da Encíclica Deus caritas est.

Estão programados ainda Encontros na Figueira da Foz (dia 1 de Julho, para os Grupos dos arciprestados de Pombal, Soure, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho) e em Pedrógão Grande (dia 23 de Julho, para os Grupos de Pedrógão Grande, Castanheira de Pera e Figueiró dos Vinhos).

PREVENÇÃO DAS TOXICODEPENDÊNCIAS E EDUCAÇÃO SEXUAL

Valeu a pena!!!

No final de mais um ano lectivo de trabalho na prevenção das toxicodependências e na educação sexual, nas escolas, nos ATL da Cáritas Diocesana de Coimbra e em centros muito específicos, podemos dizer que, na sua globalidade, demos um bom contributo para o desmistificar de conceitos, para a afirmação cada vez maior da pessoa e da sua dignidade.

O trabalho desenvolvido directamente em cada turma nas escolas do 2º e 3º ciclos, que constituiu uma boa parte do nosso trabalho, mostrou-nos que cada vez mais temos de estar atentos às realidades de cada escola e de cada aluno. Mostrou-nos, ainda, que na maioria dos casos, os conteúdos continuam a ser importantes, mas as nossas posturas, a capacidade de ouvirmos, a nossa capacidade de percepção do que cada aluno quer

saber, o que quer perguntar e sobretudo o que nos quer dizer de forma implícita, torna-se muito mais importante e relevante para a construção dos futuros adultos que temos o privilégio de ajudar a formar.

Vivemos na actualidade um grande relativismo moral, tem-se em conta uma vivência muito imediata das coisas e comportamentos, vive-se o "agora" de uma forma muito acentuada e torna-se difícil, muitas das vezes, a percepção de projecto e de construção de futuro. Foi este sentimento que mais vivemos e nos preocupou, ao longo deste ano lectivo, este relativismo, esta noção de "agora" muitas vezes sem referências à história de cada um, e sem qualquer projecção no futuro que pretendem construir. Será, talvez, uma das apostas de futuro: ajudar a construir projectos de vida "agora", com referências ao passado de cada um.

A prevenção de comportamentos de risco deve acontecer em contextos de família e em idades, se possível, cada vez mais precoces. Neste sentido tivemos a oportunidade de ao longo deste ano trabalhar com grupos de pais/encarregados de educação com filhos desde a creche até ao 3º ciclo. É um trabalho que nos motiva e que enfrentamos com muita alegria, é um trabalho que nos provoca um desafio constante às nossas "certezas" e nos constrói nas "incertezas" que nos abalam. Torna-se cada vez mais urgente potenciar espaços de reflexão e atitude crítica onde possamos avaliar os nossos papéis de educadores e sobretudo "aprender" com as realidades de outros pais. Salientamos de modo particular, neste ano, o trabalho com todas as Creches e Jardins da Cáritas Diocesana de Coimbra com quem trabalhamos. Pensamos que a aposta terá de passar

por aqui, ajudar a criar espaços para que os pais conversem sobre os seus papéis, com a partilha de temáticas que os ajudem nesta tarefa.

Cada vez mais apostamos no trabalho direccionado a grupos específicos para que possamos responder às realidades e necessidades de cada grupo, potenciando a participação e a construção de projectos "comuns". Neste sentido trabalhamos com alguns grupos muito específicos onde no final do ano foi avaliada a importância desta dinâmica e a relevância que teve para cada um.

Destacamos o trabalho desenvolvido com um grupo de um ATL a que chamámos "motor", que era constituído por alunos do 9º ano que receberam formação específica, ao longo do ano lectivo, e que iam retransmitindo na escola. Foi possível, ainda, trabalhar nesta escola com os pais de alguns destes

jovens e com outros pais, que ao longo do ano lectivo foram também construindo um espaço de partilha e formação nas áreas da prevenção e da sexualidade. O ponto alto deste trabalho foi o encontro dos dois grupos no final do ano, onde cada grupo partilhou e conheceu o trabalho desenvolvido e onde foi possível avaliar em conjunto o ano lectivo. Uma experiência que julgamos importante repetir e replicar em outros locais, dadas a adesão e a eficácia do trabalho desenvolvido.

Mais um ano lectivo que termina e mais uma vez sentimos que o nosso esforço e o nosso cansaço foi recompensado na alegria, nos rostos, na relação que mantivemos com as pessoas com quem trabalhamos e sobretudo a necessidade de actualizar e melhorar cada vez mais a nossa intervenção. Valeu a pena!!!

Fernando Santos

Eugénio Fonseca

O Presidente da Cáritas Portuguesa, Dr. Eugénio Fonseca, foi condecorado pelo Sr. Presidente da República, no dia 10 de Junho, como Grande Oficial da Ordem de Mérito.

A Cáritas de Coimbra endereça ao Sr. Presidente da Cáritas Portuguesa os mais sinceros parabéns, reconhecendo o mérito pessoal do Sr. Dr. Eugénio Fonseca na dinamização e promoção da acção social da Igreja em Portugal, bem como em Setúbal, de cuja Cáritas Diocesana também é Presidente.



Prevenir

– O Melhor Lema!!!

Finalizando o ano...

Ao longo das últimas semanas o trabalho nas escolas tem continuado a predominar, embora estejamos na recta final. As escolas ultimamente abrangidas foram: Agrupamento de Escolas de Mídiões, as Escolas Eugénio de Castro e Casa Branca em Coimbra, Agrupamento de Escolas de Buarcos, Agrupamento Finisterra de Febres, Agrupamento de Escolas de Penacova e Agrupamento de Escolas da Pedrulha.

O trabalho nas comunidades continua, desta vez a equipa esteve em Penela com dois grupos de catequese - 9º e 10º ano - onde trabalhamos o tema da educação da sexualidade e prevenção da toxicod dependência, respectivamente. Ainda antes de terminar o ano, prevemos estar na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, como já vem sendo hábito; na escola da Pedrulha com um grupo de auxiliares de acção educativa; na Cova Gala a terminar o projecto de quatro encontros que temos vindo a realizar com um grupo de pais/educadores e que desta vez será relacionado com os problemas ligados ao consumo do álcool; e, por fim, na ARCHL-Lousã, onde teremos pela frente o grande desafio de falar de sexualidade ao um grupo tão especial.

Paula e Madalena



Comissão Episcopal da Mobilidade Humana

As migrações são consideradas um dossier secundário

A propósito do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, 10 de Junho, a Comissão Episcopal da Mobilidade Humana tornou pública uma Mensagem, sob o tema "Temos estado do vosso lado. Queremos continuar".

Para além deste compromisso institucional com os migrantes, nomeadamente no plano da assistência espiritual e religiosa, a Mensagem faz ainda uma breve leitura do fenómeno migratório, que reproduzimos a seguir.

A evolução económica e social de Portugal, dos países da Europa e do Mundo fazem do fenómeno migratório português uma realidade em grande mutação, ao nível dos espaços, lugares, fluxos e errâncias. Esta mutação requer uma nova percepção do fenómeno, pois a ausência de respostas orgânicas e adequadas tem feito persistir uma visão ainda muito administrativa das Comunidades Portuguesas e dos "novos emigrantes" deste Milénio, e ainda marginal, porque considerado um dossier secundário relativamente às

grandes opções nacionais. O que fazer juntos, para que os emigrantes sejam considerados menos estrangeiros para o País que os viu nascer e vê partir?

Portugal, afectado pela era de globalização, encontra-se diante de uma "evolução" da qual parece ter perdido o rumo, pelo modo como se concebem e vivem os valores: a vida, o trabalho, a família, a justiça, a educação, só para citar alguns. A emigração portuguesa também mudou. As pessoas que hoje emigram não o fazem pelas mesmas motivações como há cinquenta anos e os "projectos de vida" que levam no coração encerram outras priori-

dades, em parte devido à (des)educação para os valores em voga no solo pátrio. A própria Igreja - povo de Deus peregrino na história - encontra-se em fase de reflexão e adaptação das suas estruturas às novas exigências dos emigrantes e suas famílias e das Igrejas locais. Estas últimas estão hoje muito mais atentas à integração, à participação e ao diálogo intercultural. Temos consciência de que precisamos de trilhar novos caminhos de sensibilização, acompanhamento e diálogo entre as Igrejas, de cooperação eclesial, para uma efectiva participação cívica e religiosa dos nossos emigrantes nos países de acolhimento.

Formação nas comunidades para o trabalho com Idosos e Doentes: Coimbra Sul e Mortágua



Nas noites de 18 e 25 de Maio realizou-se em Taveiro, no centro paroquial, um Curso de Formação para Apoio a Idosos, organizado pelo Grupo Sociocaritativo desta comunidade e pela Cáritas de Coimbra.

O Curso destinava-se a todas as pessoas interessadas na problemática dos idosos e foi aberto às outras paróquias do arceprelado de

Coimbra Sul. Contou com a presença de 60 pessoas que participaram activamente nas duas noites.

No dia 18 a formação foi orientada pela Dr.ª Joana Rosado, fisioterapeuta do Centro Rainha Santa Isabel, que nos falou da importância do exercício físico (mobilidade) na prevenção de doenças como, por exemplo, diabetes, hipertensão,

problemas cardíacos.

No dia 25, a En.ª Anabela Corino, que exerce a sua actividade no Centro de Saúde de Miranda do Corvo, transmitiu-nos - com particular carinho por esta problemática - conhecimentos relativos aos cuidados básicos a ter com os idosos, posicionamentos, higiene pessoal e acamamento.

No encerramento, o Grupo de Taveiro ofereceu uma pequena ceia de confraternização, com chá e bolinhos diversos.

Os participantes avaliaram estes dois encontros de forma muito positiva e manifestaram interesse em ter outras acções de formação a nível da sua comunidade.

Rute Pires

Os nossos idosos merecem todo o carinho e cuidados especiais para poderem usufruir de um pouco de qualidade de vida.

Quantas vezes a idade, as provações, a doença... os tornam dependentes, entregues à nossa capacidade de amar e de servir.

Assim, para melhor nos prepararmos a fim de cuidar mais consciente e dignamente daqueles que já deram muito à família e à sociedade, a equipa da Cáritas Diocesana de Coimbra realizou, em Mortágua, uma acção de formação baseada no tema: "Idosos e Doentes, como actuar?"

Foi uma acção integrada no Plano de Acção do Conselho Local de Acção Social, com o apoio dos Grupos de Acção sociocaritativa do arceprelado.

Na primeira noite, tivemos o privilégio de assistir a uma sessão prática, orientada pela competente e simpática enfermeira Anabela Corino - uma pessoa maravilhosa que, apesar do seu trabalho no centro de Saúde de Miranda do Corvo, e da família, ainda dá o seu tempo, o seu amor, o seu grande coração, prestando ajuda voluntária na Cáritas.

Cuidados de saúde no domicílio, higiene, prevenção, e tratamento de feridas, comunicação e relação de ajuda foram alguns dos aspectos mais relevantes por ela focados.

Na segunda noite, as técnicas da Cáritas, Rute Pires e Sandra, ajudaram-nos a melhor conhecer as características do envelhecimento nos aspectos

biológico, psicológico e social. Fizeram ainda uma análise das actuais formas de intervenção social junto dos idosos, o papel das instituições e da família. Deram-nos alguns esclarecimentos sobre a alimentação, o papel do visitador e a mobilidade do idoso, tendo apresentado exemplos práticos de exercícios físicos simples que podemos desenvolver, mesmo nas nossas casas, com os idosos.

Todos os participantes nesta acção de formação ficaram, sem dúvida, mais enriquecidos e, sobretudo, sensibilizados para preparar o seu envelhecimento e acompanhar e tratar com conhecimento os idosos e doentes.

Apesar de ser inevitável o envelhecimento físico, não deixemos envelhecer o espírito. Sejam sempre "jovens de espírito".

E, quanto maior for a nossa entrega aos outros, com amor e humildade, mais longa e digna será a nossa juventude interior.

Um sincero "bem-haja" à Equipa da Cáritas e, particularmente à Madalena Duarte, coordenadora do arceprelado, não só pelo bom trabalho que desenvolvem e pelo seu empenhamento, mas também pelo espírito de sacrifício, pelo carinho, pela simpatia e clima de empatia que geram e calor humano que irradiam.

O GASC de Mortágua

Compromisso Social Cristão

Tarefa constante e pendente^(*)

Todos nós cristãos estamos chamados ao compromisso social para construir uma sociedade justa e para superar as necessidades dos nossos irmãos, vivam eles próximos ou distantes de nós. Com esta afirmação assumo a aposta clara e decidida pelo Deus do amor e da justiça que nos descreve o papa Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*.

É inquestionável que diante destas duas palavras, amor (caridade) e justiça, têm surgido ideias acusatórias, tanto dentro como fora do pensamento cristão. São conhecidas as críticas a partir de dentro da própria Igreja, a pessoas e organizações caritativas que parece que, actuando a partir da fé e da bondade, esquecem o trabalho pela justiça. Muito mais duras têm sido as críticas vindas de fora da Igreja, dirigidas aos mesmos destinatários. É, de certo modo, isso mesmo que mostra aquela célebre frase que diz que "nós [os cristãos], temos sido boas enfermeiras, mas maus médicos", ou seja, que sabemos tratar das feridas, mas não temos sido capazes de arranjar soluções para as causas que as provocam. A verdade é que muitas vezes temos trabalhado ambas, cada uma no seu lugar apropriado. Temos cada vez mais consciência de que a prática da caridade, no seu sentido mais profundo e evangélico, nos leva à justiça. E a justiça necessita do coração compassivo e misericordioso para chegar ao fundo do ser humano.

A justiça tem que reger a vida social e o Estado. Nós, os cristãos, também estamos a contribuir para isso. Hoje, na nossa sociedade democrática, podemos participar de muitas e variadas maneiras no ideal de construir uma sociedade mais justa. A nossa participação pode ter vários caminhos, desde a militância sindical e política propriamente dita, por exemplo, até à participação na construção activa em organizações de bairro ou de

aldeia, organizações culturais, desportivas, ecologistas, etc. Construir com esforço esses âmbitos sociais para construir, por sua vez, o Reino de Deus. Actuamos assim como cidadãos conscientes e preocupados pelo social, e - como não?! - a partir da nossa consciência cristã radicada nos ensinamentos do Evangelho.

Mas ainda podemos fazer-nos a seguinte pergunta que nos levará a dar mais um passo: "na suposição de que sejamos capazes de criar uma sociedade justa, ainda haverá nela lugar para a caridade?" A nossa crença no Deus do amor obriga-nos a procurar uma resposta para esta pergunta.

Bento XVI na Encíclica *Deus caritas est* dá-nos uma resposta afirmativa: "a caridade sempre será necessária, inclusive na sociedade mais justa" (n. 28). E isso porque as necessidades, muitas vezes não visíveis, também devem ser satisfeitas. Vemo-lo na nossa sociedade de bem-estar, capaz de produzir muitas coisas materiais e em quantidade suficiente para que sobrem, mas, ao mesmo tempo, aumenta o isolamento das pessoas, a solidão não desejada, as dificuldades para uma convivência familiar harmoniosa, etc. Vivemos em sociedades exigentes e selectivas, onde a preparação profissional, como os conhecimentos, nunca são definitivos, e onde triunfam os melhores. Uma sociedade, repito, que ultrapassou as necessidades da sobrevivência para entrar nas da abundância e, muitas vezes, nas do desperdício.

São assim as nossas sociedades modernas, desenvolvidas e industriais. Temo-las entendido como progresso, e certamente que o é, mas tem os seus custos. Todos fizemos a experiência da mudança da sociedade tradicional e estática para a sociedade urbana e móvel. Por exemplo, hoje em dia temos grande facilidade de conhecer o que acontece no outro extremo do mundo. Mas também é verdade que temos igualmente grandes dificuldades para conhecer o que se passa com o vizinho da porta ao lado. Temos progresso e desenvolvimento, mas não o vivemos nem desfrutamos todos em igualdade de condições.

Nesta dinâmica social ficam muitas pessoas fora da sociedade. São aqueles que hoje vivem nas margens, senão estão mesmo já fora da sociedade. Inclusive, nesta dinâmica, todos estamos em situação de vulnerabilidade e de risco, seja o risco das carências materiais ou o dos sofrimentos humanos.

A caridade (o amor) apresenta-se assim como o "plus"^(*) de que a nossa sociedade precisa e cada uma das pessoas que a formamos. Devemos tomar consciência da necessidade desse "plus" que podemos dar. Um "plus" baseado na aspiração de que todos tenhamos o necessário e o imprescindível como primeiro passo e, além disso, tendo o básico, ponhamos a nossa qualidade de vida naquilo que nos faz mais humanos, mais semelhantes ao Deus do amor.

Com o que dissemos até agora, afirmámos que temos um compromisso derivado da nossa fé. Compromisso que comporta o trabalho pela justiça. É certo que o compromisso pela justiça, enquanto tarefa política directa (trabalho pelas estruturas justas na sociedade e no Estado) é uma tarefa da competência directa da própria sociedade, seus cidadãos e organizações sociais e políticas. Os cristãos leigos têm como "dever imediato" esta tarefa e dedicação. Nós cristãos, como cidadãos, não podemos evitar a

política, o compromisso com o social, com o público.

O compromisso aparece-nos portanto na sua dupla missão: o trabalho por uma sociedade justa (ou o mais justa possível) e o trabalho a favor de todas as pessoas, especialmente as que vivem pior, seja próximo ou longe de nós. Neste ponto a caridade e a justiça misturam-se. A caridade exige assim a justiça. Inclusive, para nós cristãos, a caridade supera a própria justiça apenas quando esta acontece. Ou seja, a caridade não pode suprimir a injustiça. Dito tudo isto de outra forma, talvez mais simples: dar pão ao faminto é um acto de caridade (amor) e de justiça, se a partir da nossa caridade evitamos e lutamos para superar as causas que levaram a que uma ou mais pessoas sofram fome. Muitas vezes não será necessário fazer o gesto de caridade para trabalhar pela justiça. Mas sempre a caridade deve procurar a justiça.

Só nos falta dar mais um passo: fazê-lo e saber fazê-lo organizadamente. O papel das organizações caritativas da Igreja é o de ser "obra própria da Igreja" como nos diz o Papa Bento XVI no n. 29. Actuamos como Igreja.

Mais uma vez havemos de reconhecer e experimentar que participando nelas nos enriquecemos como cristãos. O valor do organizativo está na disciplina da organização e na mensagem comum que se transmite. É espaço comum partilhado; é aprendizagem; experimenta-se o crescimento a partir da reflexão (e muitas vezes da discussão).

Na nossa Igreja católica temos gratas experiências do trabalho das organizações carita-

tivas. A sua riqueza analítica transvaza a mera análise individual; dá uma bagagem a partir da experiência e a partir da análise digna de admiração. As trajectórias, as valorações e avaliações, as apostas de futuro, a organização das prioridades, etc, são riquezas que temos nas nossas organizações. Participar nelas é dar resposta ao nosso compromisso pessoal, mas é bem mais ainda manifestar ao conjunto da sociedade o nosso testemunho eclesial.

O compromisso cristão radicado na fé no Deus do amor e da justiça é uma experiência contínua e de crescimento. Cada vez que o canalizamos de uma forma ou de outra, numa organização ou noutra, experimentamos que a nossa fé é alimentada e nós crescemos. Pouco a pouco, passo a passo, vamos caminhando nessa grande e arriscada tarefa que Deus, nosso Pai, pôs nas nossas mãos. Partimos e vivemos da convicção de que "só" fazemos o que antes aprendemos d'Ele, quando vê sofrer o seu povo e lhe oferece a sua libertação. Hoje, vê e oferece a libertação a muitas pessoas nas nossas aldeias e cidades; a muitas crianças, adultos, idosos, homens e mulheres de países distantes. O Deus do amor e da justiça convida-nos a criar e a acreditar numa sociedade justa onde cada um de nós, cristãos, ponha a sua oração, esforço e organização para sonhar e, ao mesmo tempo, para tornar realidade o Reino de Deus pelo qual se empenhou Jesus de Nazaré.

^(*) - artigo de Luis Antonio Preciado Sáez de Ocáriz, sacerdote ligado à Cáritas de Vitoria, na Revista *Cáritas*, n.º 482.

^(*) - gratificação extraordinária, para lá do salário (n.t.).

Cáritas 2007

Pela dignidade, igual oportunidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - n.º 351

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

Confraternização em Coruche



A Equipa da Cáritas Diocesana realizou o seu tradicional passeio de convívio à linda vila de Coruche. A foto testemunha um momento da visita